

## OS IPMs E O SR. JUSCELINO

Kubem Braga

O MOVIMENTO DE 64 (proponho chamá-lo assim, para evitar o pitoresco dilema de escrever «Revolução de 31 de março» ou «golpe de 1º de abril»...) inventou um novo castigo para seus adversários. É uma pena que não está prevista em nenhum código, e que é aplicada antes da sentença, isto é, durante a fase do inquérito — no caso, o Inquérito Policial-Militar, o famigerado IPM.

A coisa não é grave. Não se trata de torturas e humilhações físicas. Neste ponto o movimento não inventou nada; apenas, para sua vergonha, e de seus chefes, repetiu com poucas variações os mesmos processos tradicionais de covardia usados pelas tiranias em todo o mundo e, entre nós, pela polícia do sr. Filinto Müller durante a ditadura Vargas. Também não se trata de longos interrogatórios, envolvidos em uma atmosfera de ameaças, que são recursos mais ou menos legítimos de toda autoridade policial para alcançar a verdade. Não, os interrogatórios como esses a que está sendo submetido agora o ex-presidente Juscelino não visam apurar coisa alguma, pois os inquiridores sabem muito bem que é uma grave tolice acusar o sr. Kubitschek de subversivo. O que esses inquiridores pretendem, e estão fazendo, é simplesmente isto: chatear.

Desculpem-me o verbo, que há tempos era considerado chulo; seu uso generalizou-se de tal modo que se tornou familiar, embora não elegante. O governador Carlos Lacerda usou o substantivo «chateação» em seu último discurso na televisão, embora sabendo que se dirigia a um público em grande parte composto de senhoras e senhoritas; assim, a palavra entrou para o vocabulário já não digo oficial, mas oficioso, pelo menos no Estado da Guanabara.

É isso o que o sr. Juscelino Kubitschek está enfrentando: uma longa, impiedosa chateação. O réu é intimado a comparecer a um quartel ou outro qualquer local; seus amigos, parentes e advogados são impedidos de entrar na sala para onde ele é levado. A imprensa é mantida a distância. Fecham-se as portas; e então ali dentro, depois de prevenido de que tudo o que se disser ali deve ser mantido em completo segredo, o réu é metódica, lenta, longamente interrogado — e chateado.

Todos sabem que, em virtude do cargo que ocupou, o sr. Juscelino Kubitschek tem direito a um fóro especial. Não são, aqueles homens ali, qualificados para julgar os atos de um presidente da República; todos aqueles IPMs não têm valor algum. Não importa; a intenção é apenas uma: chatear...

Como eu já disse acima, não é grave; muito piores são as prisões iníquas e as torturas e violências. Mas, se os coronéis dos IPMs acham que estão fazendo alguma coisa inteligente ou patriótica, é bom deixar bem claro que isso não é exato: estão apenas chateando.

Sempre fui adversário político do sr. Juscelino Kubitschek. Creio, entretanto, que ele merece o respeito devido a um homem que foi presidente da República eleito pelo voto popular e que passou o mando a um adversário eleito também pelo voto popular. É em nome da Democracia que ele merece ser respeitado. Se praticou crimes, que o julguem, que o condenem, que o prendam; mas façam isso com a seriedade, com a dignidade que será apenas um sinal de respeito à Nação, da qual ele foi Primeiro Magistrado Eleito, e às próprias Forças Armadas, de que ele foi Chefe Supremo.

Os coronéis dos IPMs talvez pensem que estão diminuindo ou humilhando o sr. Juscelino Kubitschek com essa longa chateação. Talvez não percebam que estão apenas aumentando a sua popularidade, atraindo para sua figura a simpatia e a solidariedade não apenas da gente do povo como de todas as pessoas sérias, que se respeitam e gostam de ser respeitadas.

12. 10. 65